

Era uma vez um conto de fadas chamado psicanálise...¹

Once upon a time a fairytale named psychoanalysis

Anelise Fleck²

Resumo: Esta é a história de uma paciente que chamarei Cinderela; contarei sua história e evolução clínica, a forma como, juntas, paciente e terapeuta, construíram este *Conto Terapêutico*. Pretendo mostrar a surpresa e novidade que se acontecem neste espaço tão singular que é o *setting*. Busco em autores contemporâneos estas novas possibilidades. Ao se apoderar de sua história, Cinderela vai construindo seu espaço, começa a existir, apropria-se de seu corpo, grama a grama, conquista seu espaço, cria sua história e encontra seu Príncipe, que também é um Sapo. Neste enredo que é a vida, todos são Cinderela, Príncipe e Sapo... Portanto temos que aprender a lidar com as dificuldades, as diferenças e a alteridade. Estarmos dispostos a enfrentar esta inevitável instabilidade que é a vida. E aí, quem sabe, surpreender-se com a novidade capaz de criar e transformar. Acreditando na importância do olhar psicanalítico, da escuta, no vínculo terapêutico, na capacidade de brincar, e na criatividade dentro do tratamento. Pode ser possível criarmos novas possibilidades e, através da atualidade abrir novos caminhos ainda não trilhados. Assim, transformando-nos em autores, contadores, personagens e quem sabe... Criadores de histórias de vida.

¹Estudo premiado no Curso de Psicoterapia Psicanalítica da Infância e Adolescência do CIPT. Porto Alegre, outubro de 2006.

²Psicóloga, Especialista Psicoterapia Analítica em Infância e Adolescência.

Summary: This is a story of a patient who I will be called "Cinderella"; I will tell her story and her clinical evolution, as well as, the way that patient and therapist, together, had constructed this therapeutic story. My intention is to show the surprise and the newness that present in so singular space, the analytical setting. I search in contemporaneous authors these new possibilities. While "Cinderella" catches her story, she is able to construct her own space, to begin to exist, to appropriate her body, gram to gram, to conquer her space, to create her story and to find her prince, who is a frog. Life is a plot in which everyone is "Cinderella", Prince and Frog...Therefore we should learn how to deal with difficulties, differences and changes, being in the mood for facing up to such inevitable instability called life. Then, who knows, getting surprised at the news that can create and transform. If we believe that psychoanalytical look, listening, therapeutic link, capacity of playing and creativity are important during treatment, it is possible to create new possibilities and, through the present time, open new ways not even covered yet. Thus, we become authors, someone who tell stories, characters and, who knows, creators of life stories.

Descritores: Novidade, acontecimento, criatividade, vínculo e devaneio.

Keywords: Newness, event, creativity, bond and to dream.

Era uma vez um Conto de Fadas chamado Psicanálise... conta a história de uma paciente que irei chamar de Cinderela. Tal como no Conto de Fadas, ela buscou tratamento quando, ainda, era Gata Borralheira. Ao longo da história Cinderela - Gata Borralheira - vai se apropriando de sua vivência e, juntas, passamos a escrever este Conto Terapêutico. Aqui esta parte da vida da paciente e sua evolução clínica. Mostro o quanto é importante o olhar psicanalítico, a escuta, o vínculo terapêutico, o lúdico e a criatividade dentro do tratamento. Isso permite criarmos novas possibilidades com nossos pacientes e, através da atualidade, abrir novos caminhos ainda não trilhados.

Espero mostrar o quanto podemos enfrentar junto com nossos pacientes o lado fada, e o lado bruxa malvada da vida. Nesta história Cinderela muitas vezes volta a ser Gata Borralheira, o Príncipe, às vezes, é um Sapo e nem tudo dá certo. Mesmo assim Cinderela passou a existir, escrever e criar sua história, construindo seu espaço.

Além da evolução desta história clínica busco, em autores contemporâneos, a surpresa e a novidade que, vivenciada por nossos pacientes no processo analítico, abre a todos nós, terapeutas e pacientes, um mundo de possibilidades. É encantador perceber que no presente, podem surgir surpresas, algo que ainda não estava ali, mas que pode reeditar, ou não, nosso passado, e ainda, transformar nossas histórias, fazendo de nós contadores, personagens e, assim, quem sabe... Criadores de vida.

Era uma vez...

Era uma vez uma paciente menina-mulher chamada Cinderela, também, conhecida como Gata Borralheira... Conta que vivia em casa com o pai, a mãe, e Branca de Neve sua irmã mais velha. Diz que *a mãe sempre foi uma pessoa difícil de lidar*; faz tratamento psiquiátrico e psicoterápico há muito tempo, toma medicação, e de tempos em tempos, se nega ao tratamento.

Durante sua infância ela e a irmã não podiam brincar a hora que quisessem. A mãe mantinha tudo muito organizado. Quando as meninas acordavam, se ela ainda não tinha terminado as tarefas da casa, fazia com que ficassem nas camas até estar tudo no lugar, inclusive escolhia suas roupas. Cinderela/Gata Borralheira lembra que, muitas vezes, ficavam na rede em frente ao jardim enquanto a mãe limpava a casa. Outras vezes, a Gata Borralheira ficava no sofá com as pernas para o ar a equilibrar uma bolinha de *frufu* e a imaginar como seria ser Cinderela, e ter uma família *ideal*. Diz que fantasiava muitas coisas: *naquela família poderia brincar a hora que quisesse, poderia visitar as coleguinhas, usar a roupa que quisesse, enfim fazer as coisas que tinha vontade*.

Em uma sessão contou que possuía duas amigas imaginárias que a acompanharam por muito tempo. Relata que eram mais velhas e brincavam de boneca, aulinha e não se sentia só, em virtude da companhia delas. Comenta que todos elogiavam os olhos e as pernas de Branca de Neve e quando a olhavam diziam: *como ela é magrinha*. Relembra que gostaria de ter os braços gordinhos de uma prima, pois todas as pulseirinhas e as coisas que colocava lhe caíam bem. Na escola também sentia-se estranha, muito magrinha, pensava e acreditava que todas eram mais bonitas que ela...

Viveu na casa dos pais até os doze anos, pois como a Oma (avó em alemão) não quis morar com a filha quando Opa, o avô materno faleceu, a mãe decidiu que suas filhas iriam morar com a avó. Cinderela/Gata Borralheira sentiu um grande alívio porque na casa da Oma podia brincar e fazer o que queria, embora tivesse que ser responsável por suas coisas. Foi lá onde escolheu sua roupa pela primeira vez. Revela ao mesmo tempo, sentir-se triste e não sabe contar quantas vezes chorou sozinha durante o banho. Diz que suas lágrimas se misturavam com a água e que era onde se permitia chorar...

Durante o início de sua adolescência Gata Borralheira e a irmã não podiam ir a muitas festas porque a mãe não queria que elas ficassem mal faladas. Mesmo não tendo esta liberdade as duas irmãs começaram a namorar... Cinderela, ainda Gata Borralheira começou namorar Sheik, um garoto da escola com quem ficou por oito anos. Durante o namoro permaneceu grande parte do tempo em casa com os pais e a avó. Sheik passava todos os finais de semana na praia com os amigos fumando maconha. Enquanto que Gata Borralheira preferia ficar em casa porque para sair com Sheik tinha sempre que contar uma mentira.

Segundo ela, em casa *tinham total liberdade para falar sobre sexo, só não podiam fazer*. Iniciou sua vida sexual escondida dos pais, e ficou três anos sem buscar o ginecologista. Revela que sentia muito medo de ser descoberta e tinha sempre a sensação de estar fazendo algo proibido. Até quando surgiu um feriado e para poder viajar com Sheik decidiu contar aos pais que não era mais virgem. Mesmo depois desta revelação Gata Borralheira não teve maior liberdade. Depois de quatro anos de namoro Sheik a traiu pela primeira vez. Conheceu uma garota em uma feira e a levou para passar um final de semana na praia. Foi quando ela se viu pela "primeira vez" sozinha, diz que não tinha amigas, não tinha nada. Sheik era tudo para ela. Foi nessa época que retomou a amizade com Chapeuzinho Vermelho, uma amiga da escola. Depois de alguns meses voltou com Sheik, mas a relação não foi a mesma. Ele era muito bonito, e ela muito magrinha. Pensava que todos a olhavam e

se perguntavam o que um cara tão bonito estaria fazendo com ela. Sentia que as outras garotas a olhavam com cara de deboche e que Sheik achava todas mais bonitas. Foi sua tormenta, sentia-se insegura, imaginando mil e um tipos de traição.

Até que um dia Sheik foi morar com os amigos, e sua mãe insistia em não deixá-la ficar sozinha com ele. O namoro já estava muito desgastado, não sentia mais tesão, só uma forte dependência dele. Um dia diz que acordou sentindo-se mal, pressentia que algo ruim estava para acontecer. Sheik a convidou para jantar e disse que não queria mais o namoro... Neste momento Cinderela/Gata Borracheira buscou tratamento. Gata Borracheira estava com vinte e quatro anos. Loira, cabelos longos, sedosos e lisos, olhos muito azuis, pele branca, muito bonita e um tanto magra. Chegou dizendo que não sabia o que fazer; tinha muito medo de ficar como a mãe e sentia-se perdida. Além do fim do namoro ia trancar a faculdade de turismo. Já havia feito nutrição, mas desistiu do curso. Durante o início do tratamento, Gata Borracheira foi contando sua história e trazendo seus pensamentos compulsivos em relação a Sheik. Tinha medo de encontrá-lo e imaginava muitas histórias. Sentia muita angústia.

Trabalhava em uma imobiliária; não estava satisfeita e dizia que todos davam coisas para ela fazer. Em vários momentos sentia-se atrás de uma pilha de coisas que as pessoas não queriam fazer e que simplesmente jogavam em cima dela, sem sequer olhá-la. Sentia-se muito magrinha, falava de suas diversas dietas para engordar, mas nunca ganhava peso. *Eu odeio quando as pessoas me olham e dizem como eu sou magrinha, elas acham que me elogiam, mas me sinto ofendida.* A magreza, o vazio dentro dela, não tinha fome... Não tinha desejo que "fizesse peso". Gata Borracheira seguia morando na casa da avó, no quarto que um dia foi da mãe e da tia. O quarto permanecia igual, não tinha um lugar próprio. Duas camas de solteiro, com as colchas e as fotos da mãe e da tia adolescentes e do dia de seus casamentos. Ficavam na parede em cima da cama que foi de cada uma delas. Nos primeiros meses de tratamento pensávamos em questões que permitissem Cinderela existir. Apropriar-se de sua história, viver sua história. Com o passar dos meses, das semanas, Sheik, as brigas do pai e da mãe, os problemas do casamento de Branca de Neve e os sofrimentos dos outros deram espaço para o seu próprio sofrimento. Passou a sair com as amigas, a percorrer um caminho que possa chamar de seu. Desbravou novos caminhos, indo a Porto Alegre fazer *happy hour*, ou seja, jantar e dançar, encontrando amigas. Paralelo aos desbravamentos, trazia sua insegurança, a fulana era mais "gostosona", a beltrana "tinha umas pernas mais bonitas..."

Resolveu tentar novamente uma dieta para engordar, aos poucos foi ganhando peso e como ela diz: *eu me sinto preenchida*. Foi engordando grama por grama, até chegar a quatro quilos, oscilando seu peso entre três e quatro quilos. Enquanto ia existindo ganhava peso, preenchia seu corpo e sua vida com coisas boas. Nos dias em que se sentia triste dizia sentir-se magrinha... "O cocô do cavalo do bandido". Cinderela diz ter uma coisa para contar. Penso: *ela mudou seu quarto*. Revela que comprou uma colcha lilás. Conversou com a Oma e decidiu tirar as fotos da mãe e da tia, e as entregou para cada uma delas. Depois emoldurou três fotos suas, em preto e branco, que tirou em uma fotógrafa. Pendurou-os na parede junto com outro quadro, uma foto sua quando menina. Cinderela começa a ocupar um lugar, agora seu, apropriar-se, colocar sua marca, sua cor, suas fotos na parede. Sentia-se mais "dona" de sua vida. Divertiu-se muito neste verão. Estava passando finais de semana na praia com as amigas e programou uma viagem para a Bahia. Teve alguns encontros com Sheik, onde se permitiu desfrutar desses momentos. Os encontros foram se extinguindo até o final do verão quando ela foi para a Bahia.

Durante o verão, Cinderela/Gata Borracheira ligou pedindo que atendesse sua irmã Branca de Neve. Conversamos sobre seu desejo de ajudar a irmã, e o significado daquele espaço, porém este era único e só dela. Disse que a entendia, e iria encaminhar Branca de Neve à outra terapeuta. Senti que estávamos em um momento importante, pois Gata Borracheira precisava se sentir Cinderela, única e especial, marcando a diferença. A irmã iniciou tratamento com a terapeuta que indiquei. Cinderela viajou com Chapeuzinho Vermelho e mais duas amigas. Na Bahia usou biquíni e percebeu que os outros a olhavam, sentiu seu brilho e seu poder de sedução. Tirou fotos de biquíni, já que estava sentindo-se preenchida. *As gurias me diziam, como tu é boba, tu tens um corpo lindo! Sabe, as pessoas estão reparando o meu corpo dizem até que estou com uma bunda!* Foi lá, no sol da Bahia, acima da linha do Equador que, depois de oito anos, ficou com outra pessoa. Numa *Have...* na beira da praia... no penúltimo dia de sua viagem, conheceu Orfeu, um canadense que se apaixonou por ela. Conta que já o havia visto; achou-o lindo. Mas pensou que ele nem ficaria com ela. Porém ele a escolheu... Ela o escolheu, ficaram juntos, passaram o dia na praia e se encontraram no outro dia. Orfeu estava passeando pela América Latina, trocaram e-mail e ficaram de se comunicar. Cinderela voltou de sua viagem apaixonada, um amor de verão. Comunicava-se com Orfeu por e-mails, tinha fantasias com ele, e medo de estar apaixonada por algo impossível.

Nesta época voltou com os pensamentos compulsivos em relação ao Sheik e a noiva de um primo dele. A noiva era "perfeita",

tudo nela ficava bem... Relembrava as viagens que faziam juntos quando mentia para os pais. Ela se sentava na frente da camionete do noivo, tinha atitude, diz que chegava a pensar que se tivesse uma calça como a dela talvez se sentisse como ela. Foi quando teve notícias do casamento dos dois, não foi convidada. Trabalhamos sua dificuldade em desejar seus desejos, de buscar ser ela mesma ao invés de um outro qualquer, descobrir seus ideais, o que queria, e quem sabe... realmente quisesse sentar-se no banco da frente da camionete. Começou a falar das brigas dos pais, nas quais sempre era mediadora, acalmando a situação, colocando panos quentes nos ataques da mãe; das dificuldades com a Oma, ela está "caducando", repete as coisas, guarda coisas velhas na geladeira, esquece coisas, troca seu nome pelo da mãe e da irmã. Sente-se sozinha na casa e nos momentos de crise de pânico a mãe fica na casa da avó e dorme no quarto com ela. Neste período mesmo com todas estas confusões sentia que agora eles respeitavam sua opinião. Cinderela num dado momento afirmou ter cansado de ser explorada no trabalho, tomou uma atitude e pediu demissão. Foi fazer um teste para trabalhar em outra imobiliária, mas não passou. Seu chefe conversou com ela e pediu que ficasse, dobrou seu salário e se ofereceu para pagar o curso de corretora, o que lhe permitiria vender imóveis. Respondeu que iria pensar, e depois aceitou a proposta, porém não aceitou o pagamento do curso, para não ficar em dívida com ele.

Cinderela seguia saindo com as amigas. Quando em uma *Have "reconheceu"* o Príncipe-Sapo, com quem ficou naquela festa. Cinderela e o Príncipe logo se ligaram. Ela contou que ele não parava de elogiá-la, dizendo que deveria ter feito coisas muito boas para ter ficado com ela. Elogiava sua beleza, delicadeza, humor e a forma como se sentia quando estava com ela. Depois de um mês de encontros começaram a namorar. Começou a se questionar quanto a sua sexualidade, pois nunca tinha tido relações com outro homem. Amedrontava-se com a possibilidade de ser frígida, pois com Sheik não lubrificava e não sentia prazer. Combinaram de passar um final de semana em Gramado, seria a primeira vez com o Príncipe. Comunicou aos pais e estes lhe disseram que ela estava com vinte e cinco anos. Cinderela se deu conta de que poderia "apoderar-se" do seu destino e foi... Retornou cheia de novidades, tinha ficado *até muito lubrificada* e descoberto que era tudo diferente, *até os tamanhos*. Disse ter despertado e desejado o Príncipe e sentiu-se desejada por ele. Após este final de semana, libertou-se e passou a ficar com o namorado nos finais de semana. O casal viajava tanto com os amigos dele, quanto com os dela. O Príncipe é jovem, trabalha com música e administra uma empresa. Muitas vezes falávamos que Cinderela tinha conquistado um namorado de valor.

Brincávamos que agora estava no banco da frente da camionete. Algum tempo depois o Príncipe comprou uma camionete e Cinderela sentou-se literalmente no banco da frente. Inicialmente apresentou dificuldades em se aconchegar naquele lugar, contudo agora sente que este é o seu lugar. O casal parece vivenciar a novidade, pois possuem histórias diferentes e, ao mesmo tempo, semelhantes. Ele sustenta a família, reergueu a empresa do pai e trabalha arduamente pelo seu sucesso. A mãe tem dificuldade em demonstrar afeto com os filhos, e o Príncipe-Sapo chega passar seis meses sem falar com ela. Cinderela é a primeira namorada a que ele se vincula por tanto tempo. Teve diversas namoradas, mas namoros breves. Diz que Cinderela é um anjo em sua vida, que ela é tudo, que não sabe o que seria dele sem ela. Cinderela/Gata Borracheira muitas vezes duvida deste amor.

Assim como em muitos momentos do tratamento Cinderela/Gata Borracheira pensava não ser importante. Acreditava que as coisas que trazia não eram interessantes. Aos poucos com meu olhar, seu desenvolvimento, as novidades e suas conquistas, Cinderela/Gata Borracheira passou a sentir-se mais segura e importante em sua vida, dentro do tratamento, em "*minha vida*". Cinderela e o Príncipe passam grande parte dos finais de semana juntos, vão à praia, sobem a serra, ficam no castelo do Príncipe, saem sozinhos e com amigos. Estão aprendendo, descobrindo e construindo sua relação. Ela vivencia fora da terapia outras relações onde exercita seu processo de existir. Vem escrevendo sua história; foi-se apropriando deste namoro, dos finais de semana e passou nas provas para ser corretora de imóveis. Programou e ganhou do Príncipe uma viagem de férias de verão no Nordeste, o casal, o pai e a madrasta dele e Chapeuzinho Vermelho e seu namorado.

Com a família passou a conquistar um lugar, sentia que estava sendo ouvida e já percebia a importância de sua opinião. Cinderela e Branca de Neve vêm se relacionando de forma diferente, as duas estão evoluindo em suas vidas e escolhas. Apresentou dificuldades em fazer seu plano de estágio para iniciar as possibilidades de vendas. Demonstrou medo em se apropriar de uma identidade profissional. Mesmo assim montou seu plano de estágio e iniciou as visitas e contatos para captar imóveis. Observou que as pessoas gostavam do seu atendimento e trabalho. Houve uma vez em que foi visitar um imóvel com uma cliente que lhe teceu elogios e ela se sentiu importante.

Seguiu oscilando entre a segurança e a insegurança, em semanas bem e as de TPM... *E olha que esta semana estou de TPM e estou conseguindo levar as coisas bem, se apropriando e recuando, vivendo e devaneando, porém sempre em movimento obtendo pequenas conquistas.* Num final do ano Cinderela se

separou do namorado, em função de uma viagem dele com o irmão. Ela não sabia como iria reagir a separação, então fez planos e preencheu seus dias com outras coisas, almoços com as amigas, saídas com a irmã, momentos de conversas longas com Chapeuzinho Vermelho, chimarrão com os pais e a Oma...

Branca de Neve fez a primeira festa de fim de ano em sua casa com o marido. Cinderela diz que foi difícil porque a mãe teve um ataque de pânico. Ela e o pai ficaram com a mãe até a crise passar. Conta que ela e a irmã lembraram os momentos difíceis que enfrentaram juntas com estas crises da mãe. Foi quando lembrou da força do ódio, da raiva com que a mãe batia nelas e depois pedia desculpas sempre perguntando se elas a amavam. Depois deste fato, em muitas sessões, Cinderela/Gata Borralheira falou dos "ataques" da mãe, das suas lamúrias, seus choros, inseguranças, das brigas que causa com todos e que quando a briga é com o pai, sempre quer que as filhas fiquem do seu lado, não podendo contrariá-la.

Quando o Príncipe, Cinderela deu a ele um álbum de fotos com a história deles, e lhe encomendou uma camisa do colorado, embora ela seja gremista. Trouxe para sessão o cartão que ele deu a ela, com um buquê de imensas rosas vermelhas, dizendo que a adorava, que era muito especial e o fazia ser feliz. Ela pediu que ele só abrisse o presente quando chegasse ao seu destino. As três semanas de viagem do Príncipe-Sapo passaram rápido. Cinderela foi passar dois finais de semana na praia com Chapeuzinho Vermelho e outras amigas. Foi, à noite, para uma danceteria e lá encontrou uma das ex-namoradas do Sapo-Príncipe. Ficou muito nervosa porque ela é daquele tipo "poderosa". Sentiu-se insegura, falou que às vezes pensa que não é uma namorada ideal para ele que tem posses, fala inglês e fez várias viagens. Vimos o quanto Gata Borralheira se menospreza e que "cria" fantasias que a levam a ficar presa no porão.

O retorno do Sapo-Príncipe fez Cinderela sentir, no início insegurança. Fantasiava que ele teria se desapaixonado por ela, transformando-o em Sapo. Após o reencontro percebeu que suas fantasias não se concretizaram, ele era um Príncipe!

No final do verão foram para o nordeste. Cinderela viveu um "sonho-real". Chegou contando sua viagem, os passeios, as praias, o ataque de ciúmes que o Príncipe teve, o lugar maravilhoso e como era bom estar com o namorado e seus amigos. Trouxe um álbum de fotografia, e naquele momento Cinderela compartilhou sua alegria e seus medos comigo. Pediu para ficar próxima de mim e me mostrar suas fotos *eu tenho medo de ter feito tudo isso e terminar. Olha, aqui escrevi todas as nossas historinhas, é a primeira vez que faço isto.* Nesta sessão falamos do quanto as coisas que ela tinha

conquistado e vivido estavam dentro dela e que esse álbum representava o que estava vivendo.

No retorno das férias iniciou seu estágio como corretora, retomou sua rotina. Espera o final de semana chegar para estar com seu Príncipe. É como se fosse Gata Borralheira durante a semana e Cinderela nos finais de semana. Contou numa sessão que tiveram um final de semana em que *"não fizeram nada"*. Pontuei que necessitava viver em um parque de diversões, em um conto de fadas, este *"não fazer nada"* poderia representar um momento de compartilhar intimidade. Noutra sessão, neste período, Cinderela/Gata Borralheira comparece um tanto queixosa falando que entrou no *Orkut* e viu as ex do namorado. Descobriu que elas tinham um encontro em um *Sushi* onde ela e o Príncipe-Sapo haviam combinado jantar com o pai e a madrasta dele. Sentiu muito medo, mas quando passaram na frente viram que estava lotado e foram jantar em outro lugar. Ela disse que Sapo-Príncipe estava distante e diferente. Questionei onde ela estava naqueles momentos, ela conta que estava fantasiando coisas *acho que meu Príncipe não foi tão carinhoso...* Depois começa a contar o *"filmezinho"* que fez em sua cabeça: *o Sapo-Príncipe viu o carro dela, daí não quis entrar, então pensou que elas iriam cumprimentá-lo e que ele iria querer ficar com elas e pensaria que ela não era tão top quanto elas...* Pergunta de onde vêm esses pensamentos, lembra que quando criança eles eram bons e agora são pesadelos. Quando começa a devanear rompe com a realidade e não é o Sapo-Príncipe que está distante e sim a Gata Borralheira/Cinderela, presa no porão dos devaneios. Passamos a trabalhar em cima desses *"filmezinhos"* e do quanto a realidade vivida era melhor que a temida fantasia.

Cinderela/Gata Borralheira, fala que dizia a Branca de Neve: *"tu vai ser a irmã rica e eu a irmã pobre que ganha o rancho do mês"*. E agora ela estava vivendo e viajando. Uma noite, enquanto o marido de Branca de Neve estava fora, ela, a irmã e Príncipe foram tomar sopa no pão. Ela diz que nunca imaginou que teria um namorado que faria estas coisas com ela, ou seja, que participaria dos almoços na casa dos seus pais, dos cafés na casa da Oma, que levaria a irmã para jantar. Sheik jamais fez uma gentileza destas. Cinderela esta podendo ser e viver com sensações mais verdadeiras, assim vai preenchendo com vida a realidade, o presente, os momentos e seus vínculos. Cinderela e Branca de Neve têm enfrentado a mãe de forma diferente; não permitem que ela atue de maneira tão decisiva em suas vidas, embora tenham uma longa jornada pela frente.

Em meados deste ano Cinderela foi surpreendida pela realidade. Tinha feito diversos filmezinhos sobre um evento de

música que Príncipe-Sapo organizara. Conta: *Tenho pensado muito desde aquele domingo que o Príncipe me beijou no palco, ali eu percebi que o amor está na ação e não nas palavras. Olha tudo que eu imaginei, estes filmes são frutos da minha imaginação e não da realidade, foi muito diferente o que aconteceu do que eu imaginei...* Falamos do quanto o pensar ajuda a separar o filme imaginado da realidade e isto permite viver e ser surpreendida pelo momento. Cinderela, ao sair da sessão, me olha e diz: *"vendi meu primeiro apartamento!"*

Inscreveu-se num curso de decoração e revela que no fundo seu sonho é casar, ter uma família, ser mãe e dona de casa. Fala das coisas simples que gosta de fazer, que mesmo vendendo gosta de fazer as locações, pena que não dá dinheiro. Suas *TPMs* têm sido mais controladas, mas tem forte tendência a entrar em seus filmezinhos e perder a realidade. A paciente passa mais tempo sentindo-se Cinderela do que Gata Borralheira. Em determinados momentos sente-se excluída, mas tem enfrentado seus medos e permite-se ser verdadeiramente Cinderela. Aos poucos tem conseguido falar para o Príncipe e para as pessoas em geral sobre as coisas que a incomodam, embora sinta medo do desamparo que possa ocorrer caso fale algo que faça o outro se enfurecer.

Cinderela tem conseguido aproximar-se mais de mim, estabelecer uma relação mais verdadeira. Vem falando do quanto é difícil viver na casa com a Oma. O Príncipe-Sapo pensa que sua vida é boa, como ela fantasiava que era, mas que se sente muito só. A Gata Borralheira/Cinderela lava sua roupa e cuida das coisas da casa para Oma, na verdade a avó não cuida dela. Agora tem permitido que a mãe lave suas roupas, o que a coloca num lugar de cuidado. Fala que tem que dar conta das suas coisas, que a Oma não coloca sua toalha no sol e que se deixa secar ao ar livre a avó não é capaz de recolher. Aqui entra a questão de não ser cuidada e cuidar pode ser uma troca sem ser obrigação.

Foi quando passamos a falar da necessidade que Cinderela tem dos finais de semana com o Príncipe, onde deixa de ser Gata Borralheira. Passamos a falar em expor para ele sua realidade, assim como ele vem expondo as suas dificuldades. Cinderela-Gata Borralheira tem vivido suas alegrias e tristezas, oscilando sem tanta punição. Demarca seus espaços e fala das coisas que a incomodam, seja comigo, com Branca de Neve, seu Príncipe, os pais, as amigas, no trabalho...

Tem vivido melhor sua semana; encontra as amigas, vê o namorado, já fez outras vendas e me contou um "segredo". Disse que a mãe sempre as impediu de fazer as sobancelhas. Tanto ela como a irmã eram proibidas de afinar a sobancelha porque pareceriam "putas". A mãe tem sobancelhas finas e não gostaria

que elas estragassem as suas. Contou-me que um dia desses desafiou a mãe e foi em outro lugar tirar as sobrancelhas, que a mulher afinou um pouco e desenhou melhor seu rosto. Ela se gostou, porém teve medo que a mãe percebesse, e quando retornou para casa a mãe não viu nada. Vimos que ela atribui poderes mágicos a esta mãe e que pode desenhar seu rosto, suas escolhas e seu destino. Conversa com o namorado sobre suas vidas, compartilhando maior intimidade. Incomoda-se, ainda, com os momentos de silêncio, mas consegue relacionar isto com seus momentos de solidão.

Faz dois anos que sai para jantar com um grupo de amigas, mas nunca as convidou para irem a sua casa. Relata que se encheu de coragem e convidou para uma janta na casa da Oma, "*afinal de contas são suas amigas e aquela é a sua casa*". Falou com a avó que aceitou, combinou com o pai e a mãe que vai fazer tudo e que não os quer por lá. É a primeira vez que toma esta atitude. Vivencia novidades que são na verdade novas possibilidades de experimentar os outros, os fatos, os sentimentos, enfim a vida. Não sente mais tanto medo de ser abandonada.

Teve um acidente de carro em um final de semana depois de voltar de um curso com as amigas, tentou ligar para Sapo-Príncipe que estava fora da área, ficou furiosa. Mesmo assim resolveu a situação e quando falou com o namorado não fingiu que estava tudo bem, disse que precisavam conversar. Tem tido mais firmeza nas coisas que deseja e nas que não deseja. Sabe de suas conquistas e hoje "tem conteúdo" e diz: *sabe nem eu tinha me dado conta de quantas coisas eu tenho, parecem tão pequenas, mas são tão grandes ao mesmo tempo*. Pela primeira vez Cinderela trouxe algo ainda não pensado. Uma nova possibilidade que aparece na história dela... E na nossa história. Branca de Neve sugeriu que Cinderela alugasse o apartamento na frente do seu que é pequeno, mas que seria legal ela morar sozinha. Ela diz que agora com o concerto do carro vai gastar suas economias e que tem medo de se sentir ainda mais sozinha, será?

Era uma vez um mundo em transformação...

Embora Cinderela tenha iniciado seu tratamento com vinte e quatro anos, lancei um olhar sobre ela através de uma perspectiva adolescente. Gurman (1997) afirma que a questão adolescente é: *nascer em um corpo, finito e infinito, corpo e mundo, amor, sexualidade e morte*. Nova vida, homem, mulher, a diferença, o outro sexo. Todas as relações humanas trocam de sentido, amar ao outro tal com é, em lugar de amar a idéia exaltada do amor. A transferência durante a adolescência é o frutífero

desenrolar do amor, do reconhecimento. Posição onde o analista se faz susceptível, disposto a ser, por influencia tão amorosa quanto mortífera, prestando-se a compartilhar o amor de transferência, que permite que a palavra assumida pelo sujeito delimite o reino de suas possibilidades, o que significa seriar e permitir que o sutil escalpelo de dizer, separe a diferença. O "real" que permite delimitar os recursos do imaginário e a emergência do destino de um outro afeto.

Através desta ordem lúdica a transferência se instala em um sistema aberto e atualiza a abertura do Outro em uma dinâmica de várias possibilidades. Foi acreditando no mundo de possibilidades que poderia se abrir diante dos olhos de Cinderela que foi possível iniciar este trabalho, esta história terapêutica.

O valor de dizer algo não está no que se diz, mas no fato de dizê-lo (Nasio, 1995, p13).

De acordo com Nasio (1995) o olhar não é sinônimo de ver, não se vê, mas se olha; a visão não é o olhar. Ver é ver o mundo diante de nós, e o olhar é fixar a vista no detalhe, mas o aspecto particular daquilo que estamos vendo. Dentro do olhar existem dois sentidos. O primeiro sentido é o olhar do *ato perceptivo*, que capta, lança um olhar, movimento ativo, ação. O segundo sentido está *na satisfação do ato*, ao "olhares expressivos", que marcam um sentimento ou posição subjetiva. Neste momento o olhar não é ação, mas peso pulsional, subjetivo; uma satisfação implícita no ato de olhar. Lançar um olhar, no detalhe, poder captar a linda Cinderela dentro da Gata Borralheira; passa a dar um sentido, abrir um espaço para a paciente começar existir. O olhar emerge, surge através da formação psíquica, escópica, visual que ocorre quando o analista escuta. Ao escutar, possibilita a criação de imagens, de significação inconsciente ao que escuta. O imaginário contém a imagem do eu. Diante do espelho sei que não sou eu a imagem, aqui está a alteridade especular. O eu é a imagem percebida e está na imagem percebida, portanto esta imagem percebida é o eu. O eu percebe imagens, mas não percebe imagens quaisquer, percebe aquelas que reconhece. Imagens que se reconhecem, todas as formas que adquirem sentido para o eu. Sentido sexual, o objeto desperta um sentido ligado ao eu. (Nasio, 1995). Ao começar a existir Cinderela/Gata Borralheira vai ganhando peso, grama a grama, desejo a desejo, novas conquistas, experiências, novos espaços e assim apropria-se de sua vida e cria seu quarto seu espaço...

Quando não me sinto bem olhado no espelho, na relação modelo ideal, o ideal imaginário, não simbólico, o eu está sempre se confrontando com o eu ideal, que é a dimensão esperada do eu. (Nasio, 1995, p24).

O eu, então, é um conglomerado de imagens, imagens do semelhante, alimenta-se destas imagens em movimento, formas sensíveis, sonoras, táteis e visuais. O eu com imagens de pregnância, idéias imaginários com o qual se compara. Cinderela passou a viver, existir, a criar uma história sua na qual passa a ser personagem principal. Porém, sempre oscilando entre ser para sempre uma Gata Borralheira ou existir como Cinderela e calçar o sapatinho de cristal da vida. Fomos brincando e construindo sua história, mas seus "*filmezinhos*" insistem em leva-la ao porão dos devaneios.

Foi em Winnicott (1971/1975), que fui buscar ajuda. Escreveu sobre um caso clínico em que sua paciente tinha medo de partir para o mundo dos devaneios e deixar de vez o mundo real. Diz das variedades do fantasiar, enfocando o contraste entre o fantasiar e sonhar. Até que ponto o fantasiar ou o devanear pode perturbar uma vida inteira. A diferença entre o fantasiar e os devanear de um lado e a vida real e o relacionar-se com objetos reais. Assim, o sonhar e o viver pertencem a uma ordem e o devaneio a outra. O sonho relaciona-se com objetos reais no mundo real, o viver no mundo real ajusta-se ao mundo onírico de forma similar. Porém o fantasiar continua sendo um fenômeno isolado, a absorver energia. A inacessibilidade do fantasiar esta ligada a dissociação, que ocasiona *presença e ausência*. À medida que a paciente gradativamente passava e se relacionar como uma pessoa total, perdia estas dissociações rigidamente organizadas e passava a ter consciência da importância vital que o fantasiar sempre teve em sua vida. Logo o fantasiar dá espaço ao imaginar que se relaciona com o sonho e a realidade. Assim como a paciente de Winnicott (1971/1975), Cinderela/Gata Borralheira perdia-se em seus *filmezinhos* e, aos poucos, começou a pensar e viver a realidade junto a sua vida e seu Príncipe-Sapo.

Winnicott relata que sua paciente estava sempre empenhada no fantasiar, vivia se defendendo numa atitude fantasiante, brincando brincadeiras de outras crianças. Esta dissociação reforçada por uma série de frustrações significantes, nas suas tentativas de se tornar uma pessoa total por seu próprio direito, tornou-a especialista na capacidade de levar uma vida dissociada. Cresceu construindo uma vida em que nada do que realmente acontecia era plenamente significativa. Tornou-se gradativamente quem não acreditava próprio direito de existir como um ser humano total. Durante a existência, sem que soubesse, havia outra vida acontecendo de forma dissociada, pois vivia em uma seqüência organizada de fantasiar. Quando começou a por algo em prática, descobriu limitações que a deixavam insatisfeita, pois abandonara a onipotência que tinha no fantasiar. Instalara-se o principio de realidade. Na medida em que era sadia e, em certas ocasiões agia como uma pessoa total, era bastante capaz de lidar com as frustrações que são próprias da realidade. No estado doentio não havia necessidade de qualquer

capacidade para isto, por que a realidade não era encontrada. O material trancado na fixidez do fantasiar começa a se libertar, tanto para o sonhar como para o viver, dois fenômenos que constituem um só. Observa-se diferenças entre o devanear e o sonhar (que é viver), o brincar criativo é afim ao sonhar e ao viver, não pertence ao fantasiar. Assim o fantasiar interfere na ação e na vida, no mundo real, externo, mas interfere muito mais no sonho e na realidade psíquica pessoal, ou interna, o cerne da personalidade individual. Através destas idéias e pensamentos pude enriquecer meu trabalho em conjunto com a paciente lembrando sempre que:

No fantasiar o que acontece, acontece imediatamente, exceto que não acontece (Winnicott, 1971/1975, p47).

Onde está Cinderela, que fantasia que o Príncipe a qualquer momento irá virar Sapo? Sempre que fantasia seus *filmezinhos* Cinderela/Gata Borralheira “*não acontece...*” Acredito que o trabalho que vivemos juntas possibilita a criação deste conto que aqui se inscreve. Assim, Donald Winnicott (1971/1975) afirma que o fantasiar acontece imediatamente ao passo que o imaginar requer a integração com a realidade. Assim o holding possibilita a integração e a capacidade de sentir-se único, através deste estado de onipotência que cria a ilusão, a imaginação, a criação. Pensando na possibilidade de criação através das técnicas e o trabalho analítico, busquei em autores contemporâneos referências teóricas.

Levisky (1990) acredita que a capacidade criativa do analista, de encontrar em seu inconsciente um caminho que possibilite entrar no mundo inconsciente do seu paciente, corresponde ao aspecto criativo do artista. Lidar com o *acting out* é uma destas artes, porém requer habilidade, plasticidade mental, inventividade, uma boa dose de bom humor, jogo de cintura e elucidação de seus aspectos narcísicos, podendo usufruir os aspectos comunicativos e construtivos do *acting out*. Tais procedimentos não ortodoxos em análise, espontâneos, podem contribuir para fortalecer o ego primitivo do paciente até que este possa verbalizar suas interpretações. Assim, esta vivência concreta de transferência, de algo muito primitivo da relação mãe-bebê, no sentido de caracterizar o sentimento de existir, de desejar, de controlar, de ser desejado e amado.

É o gesto espontâneo que surpreende e comunica algo inalcançável pela palavra (Levisky, 1990, p171).

Salienta o quanto é importante ao analista ter consciência de si, de sua disponibilidade afetiva para ser continente, assim como das oscilações, suscitadas pelo paciente e/ou decorrentes de sua própria vida. Pensando sobre o campo analítico, Mouján (1997) revisa na teoria lacaniana as questões do determinismo desde o nascimento, onde

fantasias e profantasias inconscientes intervêm no significado que o sujeito vai dando à realidade como sujeito da experiência percebida, incorporada e recordada. Enfim somos determinados pela "cadeia de significantes" da linguagem, onde somos falados. Vamos superando este determinismo inconsciente atualizando o campo analítico na clínica da origem de nossas distorções da realidade, tanto a respeito de um mesmo como das outras coisas; uma realidade mais subjetiva e outra mais realista, ambas determinadas por "objetos". Separadas em espaços onde o eu entra em relação tanto com objetos representados e percebidos como externos.

Assim, o tempo vital é contado pela realidade objetiva que busca satisfazer pulsões e idéias através da sublimação. O eu vai amadurecendo na medida em que se socializa, mas este sucesso possui vicissitudes pelo eterno conflito entre os "espaços" da realidade sintetizados na relação sujeito-objeto. Define tempo vital como a origem que se transforma em originário; quer dizer que a fonte indeterminada, o nada onde tudo é possível no contexto da criação, o acontecimento. Campo este em que nem a pulsão, nem a as fantasias estruturais como a linguagem determina. Assim o originário se oferece em cada crise "vital".

Mouján (1997) afirma que a fonte de inspiração pode criar novos ideais gerados mais além do determinismo. O anelo do ser não tem fundamento em nada prévio; cada indivíduo busca sintonizar com os sinais do tempo, superando-se em harmonia com o ecossistema. Campo da clínica onde existe a primazia da relação sujeito-objeto e a primazia da participação com os outros. Acredita ser possível resgatar o poder da vida de superar-se e não no poder dos objetos ideais e pulsionais. O *campo clínico* oferece algo mais do que *juntos* (em participação) podemos criar; novas idéias na busca da própria identidade em "simpatia" como outros: Pessoas e a natureza inteira.

O que era antes a busca de significado da interpretação hoje é a poesia interpretativa (Mouján, 1997, p4).

É importante buscar a vitalização do pensamento numa tentativa de libertação da estrutura social inconsciente. A linguagem metafórica no sentido poético pode transformar nossa linguagem formal. Só quando intuimos vividamente, poetizamos e imaginamos criativamente, manifestamos vínculo de ser através da linguagem sem se desvitalizar. Não estamos ocupando o lugar da falta, como um símbolo vivo participante. A teoria da participação não esta calcada na verdade-real; suspende as relações objetais para submergir no originário, onde as coisas são quando manifestam o seu poder criador de novas idéias coerentes com os ecossistemas. Sensível ao próprio sistema vincular do ser, auto superando-se, escolhendo a palavra que uso para identificar minha identidade ao invés de adaptar-me. A experiência de desejar ser se

conectando com as palavras do seu campo metafórico. Assim, Mouján (1997) afirma que tudo tem a ver com tudo (passado, presente e futuro) e nada está determinado quando recuperamos nosso poder criativo; "*participar*" com os adolescentes sua crise vital, nos vitaliza a todos, fazendo possível sentir que vivemos autêntica e solidariamente. Poder "*amar nosso destino*" para sair da queixa e da irresponsabilidade.

Seguindo com as idéias da criação do campo analítico, da surpresa, das novas possibilidades, da transformação através do trabalho analítico que re-significa o passado, e também produz novas marcas, discutimos algumas idéias de Berenstein (2006) e Hornstein (2006) com o objetivo de aprofundar esta evolução clínica.

Berenstein (2006) em *Comunicação pessoal na VII Jornada do ICPT*, diz que onde há sujeito, há vínculo, e onde não há vínculo, não há sujeito. A subjetividade é o que vem com o outro. Possuímos dificuldade de legitimar o lugar do outro e do si-mesmo. Porém este lugar deve ser construído. Cada sujeito espera que o outro tenha um lugar pré-parado, pré-disposto, tendo que dar um sentido. Assim a pertença é uma representação. Em se tratando de vínculos, o autor afirma que ninguém pode proibir ou autorizar um vínculo, cada sujeito deve se autorizar porque este é um espaço novo. O vínculo esta para cada indivíduo com o valor e a coragem que este abre a porta para um mundo de possibilidades. Só que, para nos vincularmos, temos que aceitar o impossível da estabilidade. O vínculo terapêutico possibilita a transformação e a surpresa, não à compulsão a repetição. O acontecimento imprevisto que permite pôr em prática a novidade, a emergência do novo. A sessão será como um eixo novo, porém em um conflito com motivos velhos que impulsionam a repetição e as contra-investiduras. Abre-se um novo lugar para a surpresa, o imprevisto, novos sucessos que não estavam na série psíquica. Este acontecimento, o imprevisto, não tem lugar. Já que haviam lugares estruturados e que nada poderia ser pensado fora deste. Porém o pensamento-acontecimento pretende pensar um evento que faz seu lugar. No universo sólido, um evento surpreende, provoca uma ruptura e rompe a hegemonia dos lugares.

Através da subjetividade, a surpresa que apresenta faz com que cada sujeito não seja mais o mesmo...(Berenstein, Comunicação Pessoal, 2006)

O acontecimento, a surpresa e o imprevisto não têm centro; apresenta-se e os sujeitos devem dar-lhe um lugar que antes não existia. Neste sentido observamos uma quebra na repetição.

Hornstein (2006), em *Comunicação Pessoal na VII Jornada do ICPT*, remete-se a Freud e diz que a psicanálise não esta somente na experiência de fazer consciente o inconsciente. Onde o trabalho

terapêutico possui metas particulares. Abre novos caminhos e a vida passa a ser influenciada pela subjetividade que incrementa a capacidade de amar e trabalhar. Portanto o projeto analítico é produzir autonomia e capacitar o paciente a andar com as próprias pernas. Assim a demanda se produz no trabalho em conjunto. A forma de se trabalhar a psicanálise na atualidade é através do Inconsciente atualizado. Compara o trabalho do analista com o trabalho de um antiquário, recuperando o passado através do presente. Ao trabalhar a superfície atual é possível chegar à profundidade. A atualização transforma. É no presente que se produzem vários passados. Ao falar de uma *Psicanálise Aberta*, diz que é na relação entre duas pessoas, na história construída junto com nossos pacientes que produzimos subjetividade. Quando a subjetividade do analista marca, ressoa, porque o que é ouvido toca e faz sentir. Percebe o Inconsciente como criação, onde se torna importante emergir a criatividade, a vida e não a compulsão a repetição. Priorizar a vida, os vínculo, as experiências cotidianas. Salienta que muitas vezes subestimamos Eros.

Ainda, nesta mesma *Comunicação Pessoal*, ao falar da libido objetal, brinca dizendo que *os apaixonados se esvaziam, mas também se enchem na medida em que o amor é correspondido*. Dando grande importância às relações, diferente de amores impossíveis, fantasmáticos que esvaziam o sujeito. Ao lançar um olhar sobre a psicanálise atual, reforça a importância do *campo terapêutico* como possibilidade de escuta da singularidade do paciente e, assim produtor de subjetividade. Desta forma o conhecimento para cada paciente é singular. Através da transferência o paciente mostra ao analista quem ele foi para os seus. Em sua história atual, dá novo lugar e significado que tornam possível complexizar, simbolizar e singularizar.

Considerações finais

Como todos os *Contos de Fadas*, este trabalho chegou ao fim, porém não acaba aqui esta história. Ela nos apresenta algo novo e velho ao mesmo tempo. Dizem que as histórias são terapêuticas porque nos ensinam através do passado conhecer nosso presente e criar nosso futuro. Através das histórias encantadas podemos reviver conflitos antigos, mas protegidos pela história atual. Foi acreditando nisto que lhes apresentei ora a história da Gata Borralheira/Cinderela ora a história da Cinderela/Gata Borralheira. Acredito no espaço que se cria entre quem conta e quem escuta estas histórias da vida. Nelas existem princesas, príncipes e fadas; também bruxas malvadas, coisas ruins, monstros, que temos que enfrentar ao longo do caminho. Mas é preciso conhecer, contar e escutar. E aí, de repente, a criação uma nova história pode nos surpreender... Uma nova idéia brota, outra possibilidade, um novo jeito de olhar, de sentir, ou melhor, de existir.

Este estudo mostra como podemos criar junto com nossos pacientes um novo jeito de olhar, de viver e de existir neste espaço tão singular que é o *setting* analítico. Ao escutar a história da Gata Borracheira, olhar seus detalhes, darmos juntas o contorno e o colorido a sua vida possibilitou a ela existir e começar a escrever sua história. Percebe-se, então, a surpresa e a novidade. Quando existia apenas o enredo de ser para sempre Gata Borracheira, Cinderela não podia existir. A partir do momento em que ela abre novas possibilidades, se apropria de seu corpo grama a grama, de seu quarto, de sua vida com novos vínculos e novas conquistas, rompe-se a única possibilidade e abre-se um mundo de novidades. Cinderela apropria-se do álbum da vida, conta e imprime ali o que esta vivendo. Encontra seu Príncipe que também é um Sapo. Contudo, está "*preenchida*" de desejos, realidades, histórias e vida. Seus "*filmezinhos*" ainda povoam suas histórias, e é aí que está a maldição da bruxa má desta história. É quando Cinderela vai para o mundo da fantasia e se perde da realidade. Mas quando diz: *eu pensei que na realidade nada do que imaginei acontece* nos mostra a força de poder pensar.

Assim, através das surpresas que se apresentam ao longo do tratamento de todos aqueles dispostos a se vincular com esta inevitável instabilidade da vida, é possível transformar e criar, e então existir como sujeito de sua própria história. Podemos, através das surpresas que se apresentam ao longo dos tratamentos, pensar além da compulsão à repetição. Criar um espaço único, em que paciente e terapeuta produzam subjetividade. Criando, possam escutar, olhar, se vincular, imaginar, brincar, viver e existir dentro da história de cada um. Porque em nossas histórias nós mulheres somos todas Cinderelas e Gatas Borracheiras e precisamos aprender a lidar com as dificuldades. Assim como os homens são Príncipes e Sapos, e só trabalhando a diferença, a alteridade, que não somos iguais que podemos realmente nos vincular, existir e criar.

E, como "*navegar é preciso, viver não é preciso*", tenho que terminar, mas antes gostaria de questionar:

Você também acredita que, através da experiência analítica, somos capazes de criar e transformar?

Referências bibliográficas

Berenstein, I. - Em Comunicação Pessoal, na VII Jornada do ICPT "O Sujeito e seus Vínculos", 25 e 26 de agosto de 2006, Porto Alegre.

Berenstein, I. - Vínculo Terapêutico: repetição, transformação e surpresa. Mesa redonda apresentada na VII Jornada do ICPT "O Sujeito e seus Vínculos", 25 e 26 de agosto de 2006.

Hornstein C. - Em Comunicação Pessoal, na VII Jornada do ICPT "O Sujeito e seus Vínculos", 25 e 26 de agosto de 2006, Porto Alegre.

Gurman, I. - Revista Actualidad psicológica, Buenos Aires, n240 Março 1997. *O que pode a alquimia do amor*, p18-20.

Levisky, D.L - Adolescência: reflexões psicanalíticas. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990. Cap 7 - Acting Out: *Um meio de Comunicação na Análise de Adolescentes e Crianças*, p161-184.

Moujám, O.F. - Revista Actualidad psicológica, Buenos Aires, n240, Março 1997. *Extensão do campo analítico para adolescentes*, p3-4.

Nasio, J.D. - O Olhar em Psicanálise, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

Winnicott, D. W. - O Brincar e a Realidade. Imago, Rio de Janeiro 1971/1975. Cap II *Sonhar, fantasiar e viver*, p45-58.

Winnicott, D.W. - Holding e Interpretação, Martins Fontes, São Paulo, 2º ed, 2001.

Endereço do autor: anepsico@hotmail.com